

“Fundamos uma revista moderna aqui”¹

Ana Lúcia Richa/ Universidade de São Paulo

EM 25 DE setembro de 1927, Rosário Fusco escreveu a Mário de Andrade comunicando a fundação da revista *Verde*, em Cataguases, e pedindo colaboração. A partir daí, o diálogo epistolar entre o escritor modernista de São Paulo e o rapaz cataguasense se estabeleceu formando uma correspondência que testemunha a aventura da edição de uma revista de vanguarda, entre setembro de 1927 e maio de 1929, em plena zona da mata mineira.

O Grupo Verde de Cataguases se formou em meados da década de 1920, reunindo rapazes entre 17 e 24 anos (Ascânio Lopes, Camilo Soares, Francisco Inácio Peixoto, Guilhermino Cesar, Enrique de Resende e Rosário Fusco). A penetração da revista fundada por esses moços foi significativa. O grupo conseguiu

Incipit

1. Rosário Fusco [*carta*] a Mário de Andrade, 25/9/27, Arquivo Mário de Andrade, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo (AMA, IEB-USP).

lançar seis números da revista e quatro livros de poemas – além do “Manifesto do Grupo Verde de Cataguases”, em novembro de 1927. A publicação circulou não só por Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro como chegou via correio a diversas partes do país, alcançando e recebendo colaborações de diferentes grupos de escritores interessados em literatura de vanguarda. *Verde* também se internacionalizou, acolhendo textos de autores uruguaios e argentinos, sendo enviada a grupos da América do Sul, entre os quais os que editavam as revistas *Proa* e *Martin Fierro*. Em carta de outubro de 1927, Rosário Fusco avisou a Mário de Andrade: “*Verde* já seguiu pra Argentina”².

A correspondência teve um papel determinante para a superação do isolamento desses rapazes que desejavam inserir-se na rede de sociabilidade intelectual que se formou entre diversos grupos de vanguarda no movimento modernista brasileiro. Em 1978, no texto de abertura da edição fac-similar da revista *Verde*, Guilhermino César escreveu sobre a contribuição da correspondência de Rosário Fusco com Mário de Andrade:

Mário escreveu-lhe [a Rosário Fusco] umas dezenas de cartas que são hoje fundamentais para se estudar a irradiação do Modernismo. Conversando de longe com o seu jovem amigo, o escritor paulista era a um tempo severo, compreensivo e afetuoso.³

2. Rosário Fusco a Mário de Andrade, sem data (ant. 22/10/1927), AMA, IEB-USP.
3. CESAR, Guilhermino. Os verdes da ‘Verde’. In:_____. *Verde*. Edição fac-similar (suplemento). São Paulo: dezembro 1978.

Ao tratar-se de correspondência de escritores, não é possível desprezar que o mesmo instrumento usado para a carta é o usado para a sua expressão artística. Então, na carta, a escrita transita muitas vezes entre o discurso literário e o epistolar, transformando o documento em território da criação. Este estudo optou por ver a carta menos como um tipo especial de criação e sim, prioritariamente, como documento histórico, um material auxiliar para o conhecimento de seus autores, de problemas relacionados com a revista, de seu direcionamento e de seu ambiente social. É nesse sentido que a correspondência estudada mais contribuiu para a historiografia literária, ampliando o conhecimento sobre esta vertente mineira/cataguasense do movimento modernista brasileiro. Dois trechos de cartas de Mário de Andrade a Rosário Fusco foram usados como apoio para que Plínio Doyle escrevesse a parte referente a *Verde* em sua *Histórias de revistas e jornais literários*. Tal fato reforça a ideia de que essa correspondência é um instrumento valioso para a compreensão dos bastidores da edição e fonte para a elucidação de fatos como a abertura da revista para uma proposta internacionalista (que acolhia colaborações estrangeiras), o espaçamento do lançamento dos dois últimos números e as mudanças de diagramação e formato por que passou.

Em “Qual genética para as correspondências?”, José-Luis Diaz explica que a carta tem sua dimensão de objeto postal, com uma materialidade e trajetória que dizem bastante dela; tem uma dimensão de texto assinado por autor; e pode ter também uma dimensão de “paratexto”, auxiliando o pesquisador. Sobre esta última dimensão o escritor diz tratar-se dos casos “nos quais

Incipit

a carta atinge a dignidade genética suprema: a de participar na qualidade de ‘paratexto’ – crucial, pois estritamente datado – da elaboração de alguma obra canônica, cujos desvãos cativam naturalmente aqueles que mergulham nos segredos do ateliê literário”⁴. Dessa forma, este trabalho procura demonstrar em que medida as cartas trocadas entre Mário de Andrade e Rosário Fusco auxiliam o pesquisador a refazer as pegadas da produção editorial da *Verde*.

Em “Epistolografia e Crítica Genética”, Marcos Antonio de Moraes descreve três possibilidades de exploração do gênero epistolar dentro da crítica genética. A primeira delas é a recuperação da expressão testemunhal que define um perfil biográfico. A segunda possibilidade é a que procura apreender a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período. E um terceiro viés seria o que vê o gênero epistolar como “arquivo de criação”, espaço onde se encontram fixadas a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra artística: “A carta, nesse sentido, ocupa o estatuto de crônica”⁵ de uma obra.

Mário de Andrade recebeu o convite para o envio de textos, como outros escritores modernos, entre eles Antônio Alcântara Machado, Oswald de Andrade e Carlos Drummond de Andrade. Entretanto, o autor de *Pauliceia desvairada* não se restringiu a enviar poemas

4. DIAZ, José-Luis. Qual genética para as correspondências? Trad. Cláudio Hiro. *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*, n. 15, 2007, p. 122.

5. MORAES, Marcos Antonio de. Epistolografia e Crítica Genética. *Crítica Genética / Artigos*, p. 30.

e prosa, também passou a trocar opinião com Rosário Fusco sobre o direcionamento da revista e trabalhos em desenvolvimento. Mário chegou a enviar dinheiro para que a revista não morresse. Até que, em carta de 31 de janeiro de 1928, ele escreveu: “Mas eu também me considero um bocado ‘verdinho’ vocês deixam?”⁶

José-Luis Diaz comenta que um dos usos mais comuns da correspondência de escritores por pesquisadores é o que acompanha nas cartas os diversos estados de criação:

Úteis aos biógrafos, que querem se assegurar de um fato ou que procuram o “homem” por detrás de seus rascunhos, úteis aos “bisbilhoteiros históricos” (Barbey d’Aurevilly) em busca de “informações”, as cartas sempre foram resguardadas como preciosos arquivos da criação. Pois, se elas às vezes se contentam em mencionar uma obra em processo de criação, elas também permitem, em alguns casos exemplares, seguir – quadro a quadro – suas diversas fases: do projeto informe, ainda mal desenhado, nomeado com dificuldade, até a publicação do livro, seguida de sua recepção pela crítica (que a carta comenta) e, enfim, o seu lento e inexorável esvanecimento nas águas turvas da memória (da qual a série de cartas pode se tornar o doloroso testemunho)...⁷

A correspondência estudada pode ser vista como “arquivo da criação”, testemunho da edição não de uma obra específica, mas das seis *Verdes* e seu “Manifesto”. O primeiro elemento relativo à *Verde* que emerge da troca de cartas é, inevitavelmente, seu nascimento. A

6. Mário de Andrade a Rosário Fusco, 31/1/28, Acervo de Rosário François Fusco.

7. DIAZ, José-Luis. Op. cit., p. 123.

notícia é dada na primeira missiva de Fusco a Mário. O rapaz cataguasense mostra-se irreverente, deixando claro o desejo de estabelecer uma amizade com autor de *Pauliceia desvairada*. O tom brincalhão, ambicionando a proximidade, surpreende no primeiro contato epistolar de um rapaz de seus 17 anos com um já reconhecido escritor. Fusco apresenta-se de modo informal: “Sou de Cataguases, cidadezinha pacata de Minas Gerais. E venho trazer a notícia de que eu e Henrique de Resende fundamos uma revista moderna aqui. *Verde* é o nome da baita. Espero a tua colaboração pra ela”⁸.

Fusco citou o nome de Enrique de Resende (que durante o período de existência do Grupo Verde, ainda assinava Henrique de Resende) como que para dar credibilidade à iniciativa. O motivo disso é que, quando se reuniu aos rapazes de Cataguases para fundar a revista, Enrique já tinha publicado pela editora de Monteiro Lobato o livro de versos *Turris eburnea* (1923), além de ser engenheiro formado e por ser o mais velho do grupo (24 anos). É razoável supor que o poeta engenheiro também tenha sido citado na primeira carta enviada por Fusco a Alcântara Machado com o mesmo intuito de anunciar o aparecimento da revista. Esta missiva não foi localizada, porém a carta em resposta (que está no Acervo de Rosário Fusco no Arquivo-Museu de Literatura da Fundação Casa de Rui Barbosa) elogia a iniciativa dos dois jovens poetas: “Li qualquer coisa sua há tempos. [...] Enrique de Resende não conheço nem de nome. Eu não me lembro dele. O

8. Rosário Fusco a Mário de Andrade, 25/9/27, AMA, IEB-USP.

que não impede que muito cordialmente mande tanto a ele como a você meus aplausos pela *Verde*”⁹.

A resposta de Mário a Fusco, que seria sua primeira carta ao poeta de Cataguases, está desaparecida. Entretanto percebe-se que Mário de Andrade reagiu positivamente, pois já no segundo número da revista apareceu colaboração dele. Inclusive, a partir de *Verde* nº 2, Mário tem textos em todas as edições. No número 2, aparece com o poema “Rondó do Brigadeiro”; no número 3 com um trecho de *Macunaíma*, “Caso da Cascata”; no número 4, com “Apresentação / que Mário de Andrade escreveu pro livro de Rosário Fusco – CODAQUE – a sair brevemente”; no número 5, com “Présentation de la Jeune Fille (Dolour)”; no suplemento de fevereiro, março, abril e maio de 1928, com a transcrição do que ele escreveu sobre o grupo no *Diário Nacional* em 15/4/1928; no número 1 da segunda fase, com “Vitória-Régia”, texto iniciado por “Rio Negro, 7 de junho” e acompanhado de gravura da argentina Maria Clemência.

Em 8 de novembro de 1927, Mário reclama o atraso do recebimento do segundo número. Fusco reage e comenta a boa repercussão do poema do amigo:

Fiz mandar pra você, Mário, há muito tempo já – o 2º nº da *Verde*. Foi um baita sucesso! Você nem calcula. Já leu o que os rapazes de Belo Horizonte escreveram sobre o “Rondó”? Pois se não leu, trate de ler.

Espero colaboração pro 3º nº da revista. Até o dia 14 sem falta.¹⁰

9. Antônio Alcântara Machado a Rosário Fusco, 21/9/27, Acervo Rosário Fusco, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa.

10. Rosário Fusco a Mário de Andrade, 08/11/27, AMA, IEB-USP.

Incipit

A partir de *Verde* nº 2, Mário dá notícias no *Diário Nacional* do aparecimento das edições – nas cartas de Fusco estão os agradecimentos e os pedidos de envio dos recortes. A correspondência dos dois escritores registra o envio das colaborações e o crescente envolvimento de Mário com a revista, mandando a colaboração de outros escritores ligados à literatura de vanguarda e indicando lugares para onde *Verde* deveria ser enviada. Junto com a carta de 10 de novembro de 1927, Mário manda a nota sobre o aparecimento de *Verde* nº 2 e a colaboração de Ascenso Ferreira. Contudo, esta não é a única colaboração de terceiros enviada por ele. Ficou registrada em carta de novembro de 1927 a ação de Mário junto a outros escritores modernistas para que mandassem textos para a revista:

Lamento que minha carta registrada contendo escrita longa e “Caso da Cascata” pra *Verde* não tenha chegado aí. Aliás eu aconselhava a guardar a colaboração minha pro 4º número, devido não fatigar e necessidade de vocês, os d’áí aparecerem mais que a gente. Enfim façam o que quiserem do “Caso da Cascata”, é de vocês.

Também fiz o Osvaldo mandar uma página do *Serafim Ponte Grande*, me avise se receberam. Eu mesmo botei no Correio, só que por ser domingo de noite não pude registrar.¹¹

Além de Oswald de Andrade, publicam na revista, por intermédio do autor de *Macunaíma*, Guilherme de Almeida, Paulo Prado e escritores modernistas de outras regiões como Ruy Cirne Lima, do Rio Grande do Sul.

11. Mário de Andrade a Rosário Fusco, sem data (entre 16 e 20/11/27), Acervo de Rosário François Fusco.

A periodicidade da troca de mensagens se encurta a partir da saída de *Verde* nº 2. Esta pesquisa recuperou 39 mensagens epistolares trocadas pelos dois escritores de novembro de 1927 a fevereiro de 1928. Fusco chega a escrever duas vezes no mesmo dia a Mário em 8/11/27, 15/11/27 e 8/1/28. Tal ocorrência está ligada ao período de maior efervescência do grupo, em que a revista estava saindo mensalmente. Os dois escritores agilizam o diálogo trocando bilhetes, como aquele em que Mário pede a correção da colaboração que sairia em *Verde* nº 5:

No meu “Présentation de la jeune fille” se tiver tempo ainda, em “Ou bien ces barons qu’ayant raté le loup, s’amputaient leur main coupable” logo no começo, em vez de “leur” bote “la”.

Dos dois jeitos está certo porém com la fica mais elegante. Se tiver tempo e creio que tem, corrija pra mim.¹²

Em 7 de dezembro de 1927, Rosário Fusco remete a Mário de Andrade carta avisando do envio do número 3 de *Verde* com o “Manifesto” do grupo encartado: “O ‘Manifesto’ besta que está dentro da *Verde* é uma porcaria danada feita especialmente pra essa gente atrasada daqui. Em todo o caso quero que V. me mande sua opinião mais que sincera sobre o bicho”¹³. Editado em papel verde, acreditava-se o “Manifesto” tivesse circulado por Cataguases e pelos outros grupos modernistas sem estar vinculado a nenhuma revista. Porém

12. Mário de Andrade a Rosário Fusco, 21/1/28, Acervo de Rosário François Fusco.

13. Rosário Fusco a Mário de Andrade, 7/12/27, AMA, IEB-USP.

esta carta sugere que ele teria sido encartado na *Verde* nº 3, pelo menos para ser enviado aos escritores de fora da cidade.

Joaquim Branco, em *Passagem para a modernidade*, livro sobre a história do grupo, sustenta que a motivação do lançamento do “Manifesto” foi dar uma resposta à publicação de um artigo não simpático à *Verde*, assinado com o pseudônimo Conselheiro B.B., no jornal local *Cataguases*. De fato, o “Manifesto” começa nesses termos: “Este manifesto não é uma explicação. Uma explicação nossa não seria compreendida pelos críticos da terra, pelos inumeráveis conselheiros b. b. que dogmatizam empoleirados nas colunas pretensas importantes dos jornais mirins do interior”¹⁴. A carta de Fusco confirma que o texto tenha sido redigido por causa de alguma situação ocorrida em Cataguases mesmo. Sobre a iniciativa, Mário comentou: “Quanto ao ‘Manifesto’ de fato está besta a valer. Só valeu aquele pedacinho apaixonado em que vocês juram trabalhar pela *Verde*. Achei aquilo duma lindeza extraordinária. Gostei como o diabo”¹⁵.

A dificuldade do grupo para manter a publicação começou a aparecer na preparação do número 5. A revista se propunha a ser mensal, os quatro primeiros números saíram em setembro, outubro, novembro e dezembro de 1927. Em janeiro de 1928, Fusco avisou

14. Manifesto do Grupo Verde de Cataguases. Novembro de 1927 (folha avulsa). In:_____. *Verde*. edição fac-similar (suplemento). São Paulo: dezembro 1978.

15. Mário de Andrade a Rosário Fusco, 23/12/27, Acervo de Rosário François Fusco.

ao amigo que a próxima *Verde* teria de ser um número triplo (5, 6 e 7). Em bilhete de fevereiro de 1928, Mário afirma: “Espero *Verde* com impaciência”¹⁶.

A notícia de que *Verde* “andava adoentada” por causa do comércio local que se negava a pagar anúncios na revista modernista chegou a Mário em carta de Enrique de Resende. O escritor paulista percebeu a dificuldade do grupo de estudantes em sustentar a revista e se comprometeu a enviar 50\$000 mensais para ajudar na publicação da revista do sexto número em diante. O número 5 saiu apenas em junho de 1928, mas com data de janeiro. A revista teve mais páginas que as outras porque trouxe no miolo o suplemento relativo aos meses de fevereiro, março, abril e maio. A borda e o título da capa saíram em vermelho, marcando a diferença para as anteriores que vinham em verde.

A perda de fôlego da revista é indissociável da dificuldade de sustentá-la. Tanto que, ao longo de 1928, a correspondência dos escritores registra a tentativa de mudança de formato. Fusco comunica os planos a Mário: “*Verde* vai mudar de formato e de vista. Vamos arranjar 40 marchants de 10\$000 ao mês e dispensar os anúncios. Arranje coisa boa pro nosso número 1 segunda fase”¹⁷. E um mês depois escreveu ao amigo deixando transparecer sua angústia com a dificuldade de se chegar a um consenso sobre a continuação da revista: “cave com todo mundo conhecido seu pro número

Incipit

16. Mário de Andrade a Rosário Fusco, sem data (fev. de 1928), Acervo de Rosário François Fusco.

17. Rosário Fusco a Mário de Andrade, 30/4/28, AMA, IEB-USP.

um de *Verde* segunda fase (que vou botar pra fora nem que seja sozinho) a sair por todo mês de junho-julho princípio. Coisa muito séria”¹⁸.

Fusco confiava tanto que o auxílio do escritor paulista seria suficiente para continuar a revista que pediu a ele para aparecer como redator depois da reforma. Mário de Andrade não aceitou o convite e aproveitou a ocasião para falar abertamente da situação da publicação:

E agora reflitamos um bocado sobre a situação de *Verde*. Qual é de fato? Imagino que a pior possível. Vocês sem dinheiro pra sustentá-la, os anunciantes não querendo mais bancar o trouxe. Assinatura ninguém não quer nem por amizade. Também fica feio a gente pedir assinatura pra uma coisa que não pode assegurar que saia o ano todo de assinatura, não é mesmo? Venda avulsa quase nula ou nula. *Verde* é um fruto de ilusão, como *Klaxon*, como *A Revista*, como *Estética*. Vocês carecem principiar matutando na possibilidade de matar *Verde*. Eu imagino que isto que falo vai doer feito relhada. Me desculpe se doer porém é a amizade mesmo que me obriga a falar assim. [...] Paguem dívidas se houver e pronto. Agora: se fizerem questão de *Verde* aparecer [segunda fase], conservo minha promessa, entro no número dos marchantes a 10\$000, como 5 marchantes, isto é, mandarei 50\$000 mensais.”¹⁹

Na carta em resposta, Rosário Fusco tentou demonstrar ao amigo que as finanças não estavam tão mal, que ainda era possível manter a revista. Fusco atribuiu o convite à amizade, ao apressado por Mário. Foi o mesmo

18. Rosário Fusco a Mário de Andrade, 27/5/28, AMA, IEB-USP.

19. Mário de Andrade a Rosário Fusco, 8/6/28, Acervo de Rosário François Fusco.

motivo alegado por Fusco quando este disse desejar fazer um número de *Verde* em homenagem ao poeta de *Clã do jabuti*. Mário rejeitou o oferecimento, insistindo que o rapaz se preocupasse em estudar e se aprimorar: “Não é tempo pra homenagem, Fusco. É tempo pra estudar e trabalhar”²⁰. Em muitas ocasiões o escritor paulista tentou fazer seu jovem amigo ver que o talento e a vontade de fazer precisavam ser acompanhados de formação²¹.

Nas cartas do final de 1928, Fusco ainda alimentava a esperança de continuar a revista. Já na distribuição do número 5, Fusco pede ao amigo que começasse a pensar na colaboração para o número 6: “Vai sair do tamanho da *Antropofagia* (8pg.) 500 exemplares por 140\$000 capa duas cores. Que tal? Assim acho que não morre não. Somos 5 pra vacaria e toca pouco pra cada”²². Pouco tempo depois disso, em outra carta, chega a anunciar que a edição iria para a tipografia naquele dia. Porém nenhum outro número chegou a ser editado até 1929. A última edição de *Verde* foi de maio de 1929; número em homenagem a Ascânio Lopes e sem

Incipit

20. Mário de Andrade a Rosário Fusco, 23/3/28, Acervo de Rosário François Fusco.

21. Em *Orgulho de jamais aconselhar*, Marcos Antonio de Moraes propõe que a carta, para Mário de Andrade, é o lugar privilegiado para a celebração da amizade, tencionando criar a ambiência de amizade. Nesse espaço, pode desenvolver com mais força o seu trabalho de convencimento intelectual. Tem consciência do poder fecundante de suas palavras, da força de sua argumentação que carrega um saber militante; tem consciência de que a sua proposta de discussão intelectual reserva para o interlocutor um árduo convívio, com momentos em que defeitos e pontos fracos são trazidos à tona e expostos para reflexão. Toda essa engrenagem faria parte de um “projeto pedagógico” que engloba a demonstração de como exprimir conceitos e como exercer a (auto) crítica.

22. Rosário Fusco a Mário de Andrade, 21/7/28, AMA, IEB-USP.

anúncios. A morte do poeta verde reuniu os companheiros em torno de um objetivo comum, prestar uma homenagem póstuma.

Enrique de Resende, em sua *Pequena história sentimental de Cataguases*, justificou com a perda do amigo o fim do grupo e da revista, que não poderia continuar sem o companheiro “que tombara”: “Ascânio morreu no dia 10 de janeiro de 1929, e com ele morreu a *Verde*. O número de maio daquele ano é póstumo. Foi editado *in memoriam* do companheiro morto”²³.

Além da morte de Ascânio e da dificuldade financeira de sustentar a revista, a correspondência entre Mário de Andrade e Rosário Fusco revela ainda mais um elemento que levaria ao fim da publicação: o desentendimento entre Fusco e Francisco Inácio Peixoto em julho de 1929. Fusco contou sobre a discussão e deu a notícia do seu desligamento do grupo: “Sabe que caí fora da revista? Pois caí”²⁴. O grupo não teve como continuar sem o seu “epistoleiro” – forma como Enrique de Resende se referiu a ele em carta de abril de 1928 a Mário de Andrade.

José-Luis Diaz, em “Qual genética para as correspondências?”, menciona que o conteúdo da carta pode trazer desde a simples menção da obra em projeto ou em curso, até o envio pelo correio de seus fragmentos, de um plano, de um roteiro ou de uma redação próxima da definitiva, “com o intuito de fazer o destinatário participar da sua gestação”²⁵. Mário de Andrade,

23. RESENDE, Enrique de. *Pequena história sentimental de Cataguases*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1969, p. 112.

24. Rosário Fusco a Mário de Andrade, jul. de 1929, AMA, IEB-USP.

25. DIAZ, José-Luis. Op. cit., p. 125.

mesmo à distância, tornou-se participante do processo de publicação da revista (tornou-se “um bocado verdinho”). Não somente por enviar colaboração e dinheiro, mas principalmente por se dispor a discutir sobre o que era publicado e, especialmente, por se dispor a participar do direcionamento da revista.

Mesmo sendo epistolar, o diálogo de Mário de Andrade e Rosário Fusco não deixou de ter momentos de tensão, divergências e pedidos de esclarecimentos. São os momentos em que os dois lados foram chamados a refletir na orientação editorial e estética da revista. Provavelmente um dos momentos de maior tensão do diálogo já tenha sido citado, que foi a recusa de Mário aos convite de se tornar redator de *Verde*, na mesma carta em que ele descortina para Fusco a morte inevitável da revista.

Outros pontos de tensão aparecem e, apesar de os dois escritores procurarem caminhos e argumentos conciliatórios, eles colocam a nu o propósito consciente do grupo de se inserir na rede de sociabilidade intelectual que se formou no movimento modernista brasileiro e de fazer uma publicação que movimentasse a cena literária brasileira acolhendo textos de escritores de vários grupos de vanguarda.

A busca de contato epistolar com escritores de vanguarda de vários grupos foi um empreendimento que Rosário Fusco pôs em execução antes de começar a se corresponder com o escritor paulista. Mário dinamizou a ação de Fusco de colocar o Grupo Verde em contato com outros grupos modernistas. Na carta de 10 de novembro de 1927, sugeriu a Fusco que enviasse a revista a dois escritores do Rio Grande do Sul e disse

Incipit

que ele mesmo mandaria a revista para o Norte: “Vou mandar *Verde* que está comigo sobrando, para Humaitá, pleno rio Madeira, lá no fundo do Norte”²⁶. Mesmo nas notícias dadas no *Diário nacional* Mário parece se preocupar em mostrar o quanto a publicação estava integrada à rede de sociabilidade intelectual que se formou durante o movimento modernista. Contudo, é justamente neste ponto, por causa dos comentários públicos de Mário sobre a revista, que se estabelece um dos pontos de tensão desta correspondência. O artigo é favorável e entusiasmado no *Diário nacional*, em 18/12/27, sobre *Verde* nº 3, mas a pouca atenção aos poetas “da casa” causa contrariedade. Mário não só não comenta o material dos verdes como insinua que a juventude deles justifica as partes fracas da revista, coincidentemente as que não têm autor de fora de Cataguases: “a parte teórica, críticas, manifestos, ensaios é o fraco da revista [...] Mas carece lembrar que esses rapazes donos da *Verde* dançam ainda na sala dos dezoito anos”²⁷. Rosário Fusco escreve:

Porque, Mário, nas críticas que você faz da *Verde* cita só as coisas dos rapazes de fora? Há muito tempo que estou notando isso mas estou calado. Agora achei que já era desaforo já. Puxa! Você precisa falar na gente de casa também. Mesmo a gente não prestando. Mesmo pra meter o pau...

Espero levar uma porrada de esculhambações na crítica do nº 4, ouviu?²⁸

26. Mário de Andrade a Rosário Fusco, 10/11/27, Acervo de Rosário François Fusco.

27. ANDRADE, Mário de. ‘Verde’ revista moderna. N. 3 – Cataguases, Minas Gerais. *Diário Nacional*, São Paulo, 18 dez. 1927, p. 11.

28. Rosário Fusco a Mário de Andrade, 18/12/27, AMA, IEB-USP.

Na carta de 3/1/28, o escritor explica sua intenção de demonstrar a variedade da revista. Argumento consensual entre os dois já que o próprio Fusco muitas vezes pediu a Mário que arrumasse colaboração com seus amigos:

Não tenho aqui as notas que escrevi sobre *Verde* porém foi imaginando que já repetira muito o nome de vocês que na terceira não falei neles. Pra interessar pela variedade o público. Fiz isso conscientemente e não porque não gostasse dos poemas do grupo mais legitimamente de *Verde*, isto é, vocês.²⁹

Entre as colaborações arranjadas por Mário para a revista, houve material de autores estrangeiros, como um poema do escritor argentino Marcos Fingerit, apontando para a internacionalização da revista. Em carta a Fusco de 2 de fevereiro de 1928, explicou sobre seu propósito:

E pode haver também outra intenção que nem a que eu tive mandando coisas internacionais pra *Verde*. Minha intenção foi simplesmente internacionalizar a revista dando assim importância pra ela dentro do Brasil. É incontestável que os versos do Fingerit por exemplo nem são sublimes nem representatísimos da Argentina. De vocês daí já saiu coisa muito melhor que aquilo. O importante é mostrar que a revista reúne colaboração estrangeira. Pelo menos eu achei que isso era importante. Se vocês não acham falem com franqueza.³⁰

29. Mário de Andrade a Rosário Fusco, 3/1/28, Acervo de Rosário François Fusco.

30. Mário de Andrade a Rosário Fusco, 2/2/28, Acervo de Rosário François Fusco.

Incipit

Na carta em resposta a esta, Rosário Fusco afirma não discordar de Mário de Andrade sobre a “universalização” de *Verde*, acolhendo colaborações internacionais. Mas não era esta a questão central da discussão. O que parece é que o escritor paulista desvia o assunto para um ponto em que os dois estavam em consenso para evitar atrito em um momento em que Fusco estava irritado. Depois da leitura do conjunto de cartas, é razoável supor que existiria uma carta, que está desaparecida, em que Mário disse a Fusco que soube que o poeta verde pediu ao argentino Pedro Juan Vignalle para ter um poema seu incluído na coletânea de poesia moderna brasileira que este estaria organizando. Fusco se incomodou tanto porque quem tinha escrito ao Vignalle era Camilo Soares colega de grupo com quem havia brigado no final de 1927. Por isso Fusco escreve:

Quem mandou troços pra ele só si foi o Camilo Soares e não eu. E é preciso que ele não confunda CAMILO com FUSCO que não duas pessoas distintas e uma só verdadeira: ANTIPATIA! (Entenda)

Você quer saber duma coisa: esse Vignalle é um merda muito grande. Isso é que ele é. Quem escreve coisas como “Sentimento de Germana”, com a idade toda que ele tem, NÃO TEM VERGONHA NA CARA! Com perdão da amizade que você pode ter pra ele. E outra: nunca escrevi pro Ronald NÃO senhor. [...] Só mandei versos pro Ildefonso Falcão, na Argentina, A PEDIDO dele.³¹

Quando os rapazes de Cataguases planejaram reformar a revista para que ela não morresse, Mário

31. Rosário Fusco a Mário de Andrade, 24/1/28, AMA, IEB-USP.

sugeriu a diminuição da publicação, dando prioridade aos escritores do próprio Grupo Verde. Fusco reage: “Esse negócio da revista ficar menor e só publicar gente de casa é que não há meios pra mim concordar. Acho que só os de casa dão um ar danado de monotonia pra coisa e nós queremos justamente o contrário muito barulho é que é”³². O escritor paulista explicou sua opinião:

Eu penso mas é que vocês se devem conservar numa primeira plana absoluta dentro da revista. Que publiquem uma coisa de fora do Brasil ou de outra cidade brasileira está justo. Tanto penso assim que continuei mandando a colaboração minha. Porém minha opinião é que no caso de carecer tirar alguma coisa vocês estão na obrigação até moral de sacrificar os de fora, vocês nunca.³³

Por fim, quando a revista estava em perigo de acabar, os rapazes do grupo optam por lançar livros com coletâneas de poesias pela “Editora Verde”. No final de 1928 foi lançado *Meia-pataca*, de Guilhermino César e Francisco Inácio Peixoto (com capa ilustrada por Rosário Fusco) e no início de 1929 saiu *Fruta de Conde*, de Rosário Fusco, e *Treze poemas*, de Martins Mendes. Mário mais uma vez comentou da necessidade de amadurecimento da produção do grupo pelo estudo e defendeu a continuidade da revista: “É principalmente nisso que vocês careciam de dar tempo ao tempo. Mas não querem e não tenho coragem nenhu-

32. Rosário Fusco a Mário de Andrade, 26/8/28, AMA, IEB-USP.

33. Mário de Andrade a Rosário Fusco, 13/9/28, Acervo de Rosário François Fusco.

Incipit

ma pra garantir que fazem mal. Eu pessoalmente é que preferia vendo vocês continuarem botando o milagre *Verde* pra frente em vez de livros publicando”³⁴. Não cabe aqui, mas vale informar que o conjunto de cartas trocadas entre os dois escritores também pode ser visto com arquivo de criação dos livros *Fruta do conde* e *Poemas cronológicos* (publicado por Fusco, Enrique de Resende e Ascânio Lopes no início de 1928).

Justamente esses momentos de tensão no diálogo epistolar foram definidores da orientação estética e editorial da revista – de que Mário de Andrade participou pelo debate com Rosário Fusco, sem exercer papel de “mentor” ou “dirigente”.

Como o estudo procurou demonstrar, são várias as passagens do diálogo epistolar de Mário de Andrade e Rosário Fusco que ajudam a remontar o período de publicação da revista *Verde* e a participação do escritor paulista na aventura. A organização e o estudo desta correspondência cria uma janela em que se pode observar meandros das seis edições, como a origem das colaborações, a problemática manutenção da periodicidade e as decisões de orientação. Philippe Lejeune, em “Autobiografia e poesia”, lembra que o sonho de certos leitores é “colher confidências, entrar no ateliê do artista”³⁵. A correspondência entre Mário e Rosário Fusco, entre 1927 e 1929, também traz esse gostinho de “visita ao ateliê” da revista *Verde*.

34. Mário de Andrade a Rosário Fusco, 26/3/29, Acervo de Rosário François Fusco.

35. LEJEUNE, Philippe. “Autobiografia e poesia”. In: _____. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Organização Jovita Maria Gerheim Noronha; tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 97.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. 'Verde' revista moderna. N. 3 – Cataguases, Minas Gerais. *Diário nacional*, São Paulo, 18 dez. 1927, p. 11.
- BRANCO, Joaquim. *Passagem para a modernidade: transgressões e experimentos na poesia de Cataguases; década de 1920*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002.
- CESAR, Guilhermino. *Os verdes da 'Verde'*. In: _____. *Verde*. Edição fac-similar (suplemento). São Paulo: dezembro 1978.
- COLEÇÃO completa da revista *Verde*. edição fac-similar. São Paulo: dezembro de 1978.
- DIAZ, José-Luis. Qual genética para as correspondências? Trad. Cláudio Hiro. *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*. n. 15, 2007, p. 119-161.
- DOYLE, Plínio. "Verde". In: _____. *Histórias de revistas e jornais literários*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1976, p. 121-34.
- LEJEUNE, Philippe. Autobiografia e poesia. In: _____. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Organização Jovita Maria Gerheim Noronha; Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- MORAES, Marcos Antonio de. Epistolografia e Crítica Genética. *Crítica Genética / Artigos*, p 30-32.
- _____. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2007.
- RESENDE, Enrique de. *Pequena história sentimental de Cataguases*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1969.

Incipit

CARTAS INÉDITAS (DIÁLOGO MÁRIO DE ANDRADE E ROSÁRIO FUSCO):

ARQUIVO Mário de Andrade – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

ACERVO de Rosário François Fusco (filho de Rosário Fusco)

ACERVO Rosário Fusco, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa.